

Recursos do teatro como dispositivo na metodologia da Conversação com jovens que apresentam impasses com a escola

O presente trabalho refere-se às considerações parciais das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas junto ao Programa de Extensão "Brotas - Juventude, Educação e Cultura", criado a partir da parceria entre a UFMG, o Centro de Referência da Juventude (CRJ-MG) e a Secretaria Municipal de Educação de BH (SMED). O público-alvo são alunos cursando os anos finais do Ensino Fundamental, em escolas municipais, localizadas em regiões de vulnerabilidade social.

Trata-se de uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica, que se realiza por meio de uma Oficina, onde são inseridos recursos do Teatro na metodologia da Conversação (NEVES, 2014). A Oficina, denominada "Jogos Teatrais e Conversações Cênicas", convida os jovens à expressão teatral daquilo que esses sujeitos não conseguem organizar pela via da palavra endereçada ao outro. Parte-se da queixa da escola, em relação aos jovens, compreendida a partir do conceito psicanalítico de sintoma. Desse modo, tem-se como objetivo aprender com eles, os quais romperam parcialmente o laço com a escola. A Oficina, então, busca oferecer recursos simbólicos que permitam a esses sujeitos dizerem sobre seu sintoma relacionado àquela, bem como proporcionar a vivência estética, criativa e desafiadora inerentes aos jogos teatrais.

Até o momento, o projeto contou com a participação de três escolas municipais, indicadas pela SMED, organizadas em ciclos anuais. Especificamente, participaram dessa Oficina cerca de cinquenta jovens – trinta deles dedicados à frequência sistemática aos encontros; e, quanto aos demais, participaram de maneira flutuante. Cada encontro transcorria ao longo de 90 minutos, uma vez por semana, nas dependências do CRJ.

Como metodologia, os jogos teatrais ofertados na Oficina foram inspirados nas importantes produções dos autores Augusto Boal, Ricardo Japiassu e Viola Spolin a partir de seus relatos de experiência como educadores teatrais, criadores de métodos e técnicas para uma educação dramática. Contudo, e sobretudo, priorizamos uma construção coletiva com os jovens participantes, tomando como referência as suas próprias vivências.

Breve consideração sobre a prática de improvisação no jogo teatral

Ingrid Koudela (2015), no livro "Léxico de Pedagogia do Teatro", define o jogo teatral como um jogo a ser construído por intermédio da linguagem artística. Além disso, tais jogos podem provocar a coletividade, a concentração, a escuta, o estabelecimento de regras entre os

parceiros a partir de uma vivência lúdica e desafiadora inerentes à proposta.

Pode-se dizer que a arte tem como efeito a abertura de espaço para a invenção. No jogo cênico, sobretudo no jogo de improvisação, os participantes são lançados a um espaço vazio que é preenchido com ato, seja ele com a emergência de algo novo ou com a desistência do jogo. Portanto, é característico da improvisação a vivência no ato, o que confere ao sujeito a experiência de antecipar o dizer e o fazer antes mesmo de pensar.

Nos espaços vazios que se abrem para o que não está preparado para fazer, pode ocorrer um descentramento do discurso, para além da intenção consciente de comunicar algo, de forma que novos elementos ligados ao campo do desejo possam surgir. Aqui há uma afinidade espontânea do jogo de improvisação com a lógica inconsciente, pois “o inconsciente mostra-se operante não apenas no dormir, mas também na vida de vigília” (MACEDO; FALCÃO, 2005, p.68). Isto é, na palavra improvisada pode estar em jogo uma dimensão que escapa à lógica consciente e ao próprio enunciante.

Lacan, indaga o cogito cartesiano, “penso, logo existo”, ao afirmar “será que nesse ‘eu penso’, eu aí estou?” (LACAN, 1967-1968, p.81), demonstrando que o inconsciente pode ser apreendido por um “eu não penso” ao reiterar a seguinte proposição: “para estar lá como inconsciente, não é necessário ainda que eu pense, como pensamento, em que consiste seu inconsciente. Lá onde eu o penso, é para não mais estar em mim. Eu não estou mais aí” (LACAN, 1967-1968, p.83). Nessa perspectiva, ao deixar-se levar pelo desenrolar de uma cena improvisada, não pensada previamente, abre-se um intervalo proveniente de um despreparo, o que permite advir o sujeito do inconsciente; esse deixa escapar o pensar para ser o que fala e experimenta os efeitos da palavra. A prática da improvisação não desconsidera o pensamento e todos os processos cognitivos envolvidos, mas destacamos o fato de não estar preparado para o que possa surgir, algo que escapa à lógica consciente pode irromper.

Nem sempre os espaços vazios que se abriram foram preenchidos com a invenção ou com a conclusão bem sucedida do improviso. Por vezes, diante do inesperado ou por ter tocado algum ponto de angústia e de difícil lide, a solução possível foi sair de cena, tanto no sentido de desistência do jogo, quanto pela via de um encerramento por meio da fuga em cena, mesmo que sem um desfecho. Entretanto, não raro, as dificuldades de desenvolver uma cena se desdobraram em perguntas e reflexões, abrindo brechas para encontrar elementos simbólicos possíveis de contornar o conflito cênico, os quais, muitas vezes, abordavam as relações familiares, machismo, feminismo, homofobia, “situações-problemas” na escola, fronteiras entre a diversidade e o respeito.

A vivência da linguagem teatral enseja a expressão da subjetividade, a articulação

entre os diversos saberes, a invenção de personagens e de si, a produção de palavras circulantes em conversa. Apostamos na potência do jogo de improvisação como dispositivo que possibilita ao sujeito produzir um saber próprio sobre suas questões reais e subjetivas e enlaçar-se com o desejo de saber.

Apresenta-se, assim, uma oportunidade de interrogar os significantes da exclusão, com os quais esses estudantes se mostram identificados; de aparecer o sujeito adolescente, com seu saber singular, em lugar do aluno em situação de vulnerabilidade; e de aprender com estes sujeitos sobre o mal-estar na educação contemporânea.

Devido à pandemia do novo coronavírus, os encontros presenciais foram suspensos e se fez necessário a invenção de novas formas de oferta das atividades, agora, de modo *on-line*. Amparadas pelas possibilidades das redes sociais, realizamos busca ativa dos jovens egressos do programa com a intenção de estabelecer canais de diálogos e, em conjunto, construir novas possibilidades de execução do programa. Disso, resultou a criação de um grupo de *WhatsApp* com cerca de 20 jovens participantes. Através desse espaço, foram ofertadas atividades coletivas, realizáveis individualmente. Entretanto, diferente do modelo presencial, não conseguimos que aderissem à oferta. Talvez por não haver esse espaço de jogo com o “vazio”, do despreparo e da surpresa.

Nesse vazio, eles "encenam" algo novo, diferente do que "repetem" na escola, como aquele que não sabe, não quer saber, vulnerável, sem laço e etc. Acreditamos que esse talvez seja "um resultado" que apareça na escola, que os diretores localizam uma diferença. A oportunidade de fazer algo para o qual não estavam "preparados" abre perspectiva "fora da encenação/atuação repetida na escola". Também, talvez seja este o convite do Brota: “aparece”, “chega aí”, “vem aqui”, que, a partir da experiência estética, convoca à construção de narrativas e à abertura para o saber, num tempo que se dilata – o tempo de compreender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOAL, Augusto. *O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia*. Editora Civilização Brasileira, 2002. 2.ed. Rio de Janeiro.

JAPIASSU, Ricardo. *A linguagem teatral na escola: pesquisa, docência e prática pedagógica*. Papyrus Editora, 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien; DE ALMEIDA JUNIOR, José Simões (ed.). *Léxico de pedagogia do teatro*. Perspectiva, 2015.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro XV: O ato psicanalítico, 1967-1968*. RJ: Zahar, 2008

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. *A escuta na*

psicanálise e a psicanálise da escuta. Psychê, São Paulo , v. 9, n. 15, p. 65-76, jun. 2005 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 24 jan. 2022.

NEVES, Libéria Rodrigues.; SANTIAGO, Ana Lydia B. *O Uso dos jogos teatrais na educação: Possibilidades diante do fracasso escolar*. Papyrus Editora, 2016

NEVES, Libéria Rodrigues. *Teatro-Conversaão na escola: o uso do teatro na conversaão como mediador de conflitos na educação*. 2014. 199f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SPOLIN, Viola (2001). *Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva.